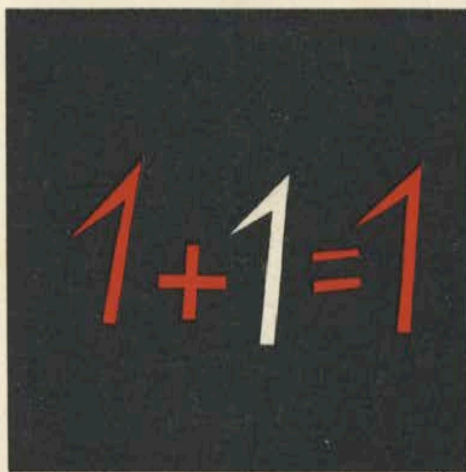


josé de almada negreiros

*deseja-se*

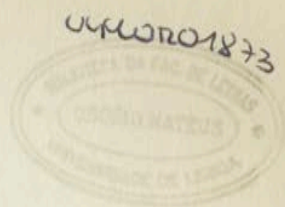
# MULHER



almada

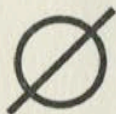
espectáculo  
em 3 actos  
e  
7 quadros

josé de almada negreiros



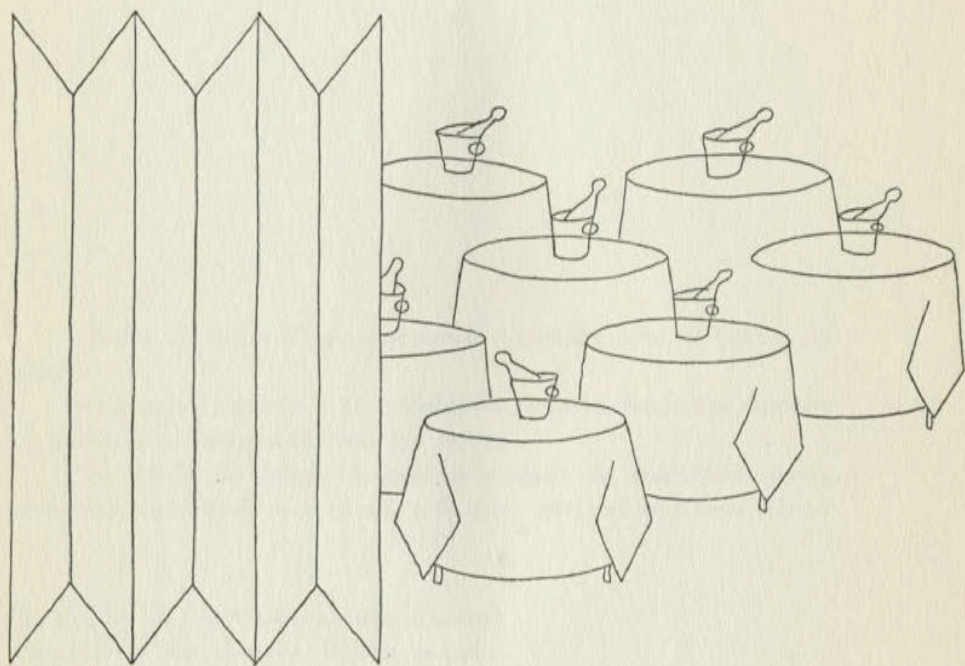
deseja-se  
**MULHER**

espectáculo em 3 actos  
e 7 quadros



VERBO  
1959

P R I M E I R O   A C T O



primeiro quadro



*(«Boîte de nuit». Pequenas mesas redondas com os baldes do gelo.*

*Um grupo de «girls» o mais despidas possível dança um número de variedades avançando entre as mesas.*

*Um criado de cabelo branco empastado de cosmético, farda vermelha e galões de ouro atende o freguês que está só a uma mesa.)*

O CRIADO — V. Ex.<sup>a</sup> espera mais alguém?

FREGUÊS — Sim. Espero. Espero alguém.

*(Termina o número das «girls». Aplausos. Saem. Voltam à cena. Saem de novo.*

*Mas o grande êxito é para uma mulher estilizadíssima em grandes decotes no vestido de prata reluzente. Fuma por uma grande boquilha. De todos os lados se aplaude de pé e grita.)*

PÚBLICO — A Vampa! Vampa! Viva a Vampa! Hurra!

O CRIADO—Aí está ela!

FREGUÊS—Quem é?

O CRIADO—A Vampa. Chamam-lhe a Vampa. É a mascote de nós todos. Tem cá feito muita falta. É a primeira vez que aparece depois da operação. Fizeram-lhe uma operação. Correu tudo muito bem. Deixou de ser mulher. Dizem que deixou de ser mulher. Tiraram-lhe tudo, tudo, tudo. Vazia como casca d'ostra.

14

VAMPA—*(De pé numa cadeira, abre os braços a pedir silêncio. Cada frase que diz é seguida de aplausos e gargalhadas unânimes do público.)*

Eh gajada! Obrigado. Obrigado por tudo. Ainda não foi desta. Tiraram-me todos os parafusos a mais. Vamos lá ver como se aguenta a caranguejola. Recomeço o serviço. Aqui me têm. Estou mais levezinha. Sem contrapesos. Vamos levar isto com genica até ao fim. Tive alta e venho mais baixa *(faz com os dedos o gesto do dinheiro)*. Não dá nem para enterro de terceira classe. Obrigado, gajada! Cá estamos pràs curvas. Fixe! Olé, olé!

*(Grande ovação e vivas à Vampa. Desce da cadeira e vai recebendo os abraços e os beijos.)*

VAMPA—*(Sobe outra vez para a cadeira. Abre os braços a pedir silêncio.)*

Atenção! Atenção! Notícias da última hora: repouso absoluto, não fumar, não beber, não... não tudo... e o resto também não. Nadinha!

*(Estrondosa gargalhada geral. Todos estão cada vez mais excitados.)*

*Ela desce da cadeira e continuam os cumprimentos pessoais. Ao passar pela mesa onde o criado atende o freguês, ela sente-se presa por um braço. É o freguês que a segura pelo pulso. Passiva, encara-o longamente, inclinando por fim a cabeça a um lado e outro, olhando-o sempre a buscar entre recordações.)*

VAMPA—Nunca te vi.

FREGUÊS— Nem eu.

VAMPA— Sabias que eu existia?

FREGUÊS— Não.

VAMPA— E agarraste-me logo d'entrada.

FREGUÊS— Logo.

VAMPA— E eu deixo-me agarrar.

FREGUÊS— Fica na minha mesa.

VAMPA— Queres que eu fique contigo?

FREGUÊS— Quero, quero. *(Ela senta-se. Ele larga-lhe o pulso. A Vampa que fala em público não é a mesma com um particular. O seu tique pessoal, quando fala a uma só pessoa, é confidencial, amaneirado à fadista, dando a cada palavra importância que por vezes não tem.)*

FREGUÊS— O teu nome?

VAMPA— Já o ouviste.

FREGUÊS— Esse, não. Outro.

VAMPA— Tenho vários nomes.

FREGUÊS— Basta-me um.

VAMPA— O meu nome para ti hás-de pô-lo tu.

FREGUÊS— Fata!

VAMPA— O que é isso?

FREGUÊS— O nome que eu inventei para ti.

VAMPA— Não há outra mulher com esse nome?

FREGUÊS— Impossível: inventei-o agora mesmo para ti.

VAMPA— Juras?

FREGUÊS— Juro!

VAMPA— Então ficas sabendo: se eu ouvir outra com esse nome...

FREGUÊS— Diz, diz.

VAMPA— *(Com a mão em pistola contra ele.)* Mato-te. *(Dá um estalo com os dedos.)*

FREGUÊS— Sim, sim! Gosto, gosto! Quero, quero! *(Inesperada e repentinamente, ela sobe para a cadeira e depois para a mesa abrindo muito os braços a pedir silêncio.)*



Atenção! Muita atenção! Até nova ordem a Vampa morreu.  
(Desce da mesa para a cadeira e fica sentada à mesa. Música, aplausos e o nome de Vampa mistura-se em grande algazarra com serpentinas, balões, «confetti», máscaras, baile e monossílabos.)

VAMPA — (Como se não se tivesse levantado da mesa.) E com esse nome como é que eu tenho que ser?

FREGUÊS — Como tu és.

16

VAMPA — Sou uma para cada pessoa.

FREGUÊS — Para mim serás a minha.

VAMPA — A tua?

FREGUÊS — Sim. Ouve. Tenho um segredo para te contar: tenho uma corda.

VAMPA — Uma corda?

FREGUÊS — Uma corda feita por mim.

VAMPA — Feita por ti?

FREGUÊS — Fi-la eu para ti.

VAMPA — Para mim?

FREGUÊS — Eu passo a corda pela tua cintura.

VAMPA — Pela minha cintura?

FREGUÊS — Dou um nó.

VAMPA — Um nó.

FREGUÊS — E tu ficas minha.

VAMPA — Tua?

FREGUÊS — Sim.

VAMPA — E se eu desatar o nó?

FREGUÊS — Se o desatares não és minha.

VAMPA — (Com a mão em pistola contra ele.) E não me matas?

FREGUÊS — Não é preciso. É muito pior do que matar.

VAMPA — Pior do que matar?

FREGUÊS — Sim.

VAMPA — O que será?



FREGUÊS — É nem vida nem morte.

VAMPA — Nem vida nem morte?

FREGUÊS — É pior que a morte. Estar vivo e não ter vida. Viver em branco. Nada. Absolutamente nada. Nem a morte. O que há mais neste mundo: nada!

VAMPA — O que há mais neste mundo é nada?

FREGUÊS — Sim!

VAMPA — Onde tens a corda?

FREGUÊS — Aqui.

*(Finge tirar da algibeira um cordel que segura pelas pontas.*

*Põe-lho bem diante dos olhos.)*

FREGUÊS — Segura-a tu.

*(No mesmo jogo, ela finge receber das mãos dele o cordel seguro pelas pontas e fica a contemplá-lo.)*

VAMPA — Linda! Linda corda!

FREGUÊS — É agora... Vais ver, vais ver.

*(O mesmo jogo de ir buscar o cordel nas mãos dela.)*

Passo aqui pela tua cintura...

*(Jogo de o passar à roda do corpo dela.)*

Dou um nó...

*(Jogo de dar o nó.)*

E pronto! Já está.

VAMPA — Sou tua.

FREGUÊS — És minha.

*(Ficam a olhar um para o outro. As suas caras vão-se aproximando uma da outra até ficarem com as pontas dos narizes encostadas.*

*Vem o criado com o «menu». Faz correr um biombo que os encobre do público. O biombo vai-se tornando transparente e através fica a única luz em cena na montra de loja de modas com dois manequins de comércio em traje de bodas. O seu único movimento consiste em voltar-se cada um levemente enquanto fala para o outro. Ouve-se uma caixa de música.)*

NOIVO — Até que enfim chegou o nosso dia!

NOIVA — O dia que sempre esperámos!

NOIVO — Já hoje ficamos em nossa casa!

NOIVA — A nossa querida casinha!

NOIVO — De manhã dá-lhe o sol de lado. Do outro lado dá-lhe o sol de tarde!

NOIVA — É nosso o sol todo o dia.

NOIVO — Todo o dia e toda a noite! Todos os dias e todas as noites!  
Para sempre!

NOIVA — Para sempre! São as palavras de que mais gosto nas nossas bocas!

pano